



BATISTA, F. E. A. As “barreiras” em envelhecer e ser uma travesti. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. [www.falangemiuda.com]



AS “BARREIRAS” EM ENVELHECER E SER UMA TRAVESTI

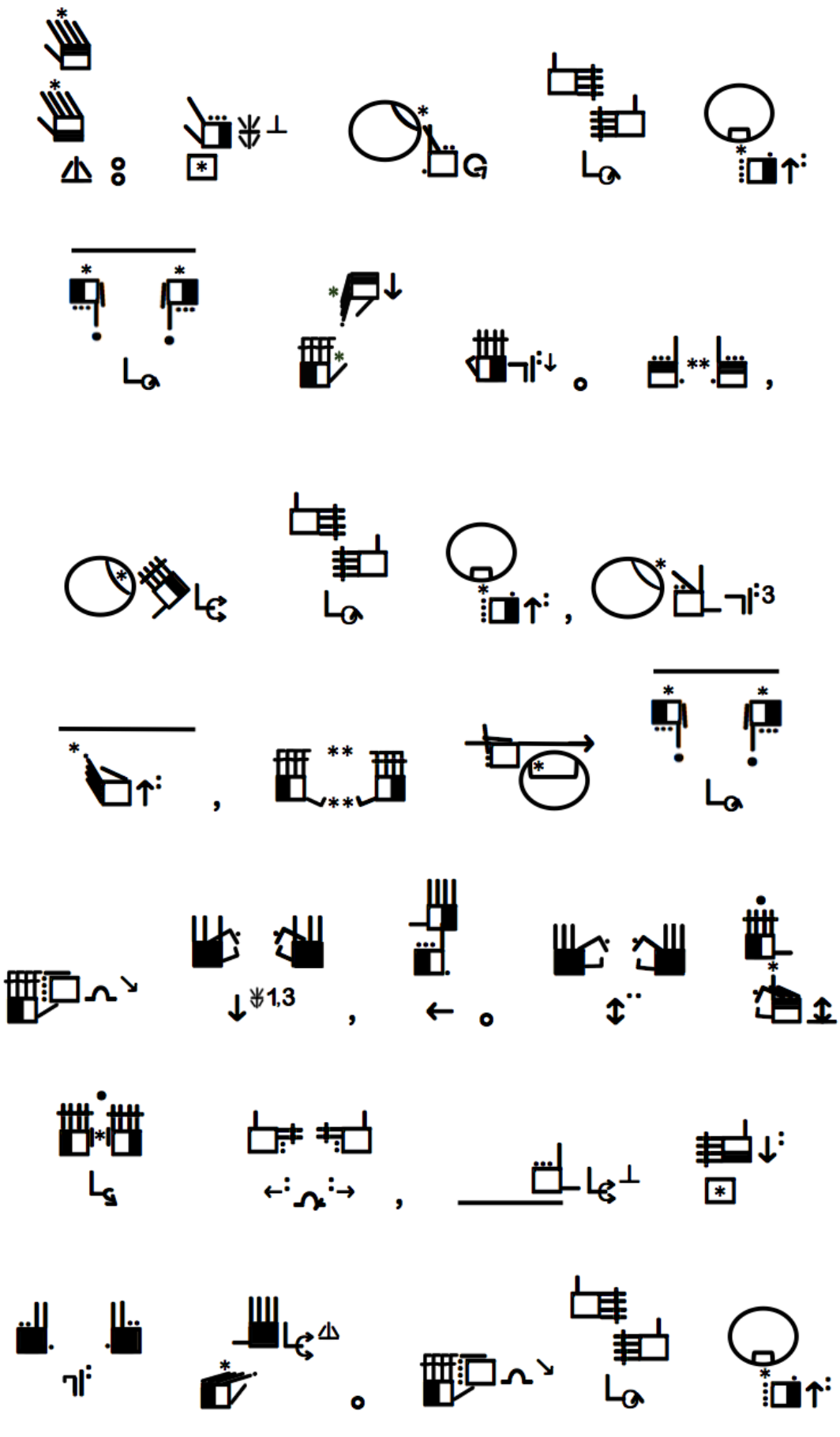
Fabiano Eloy Atilio Batista¹

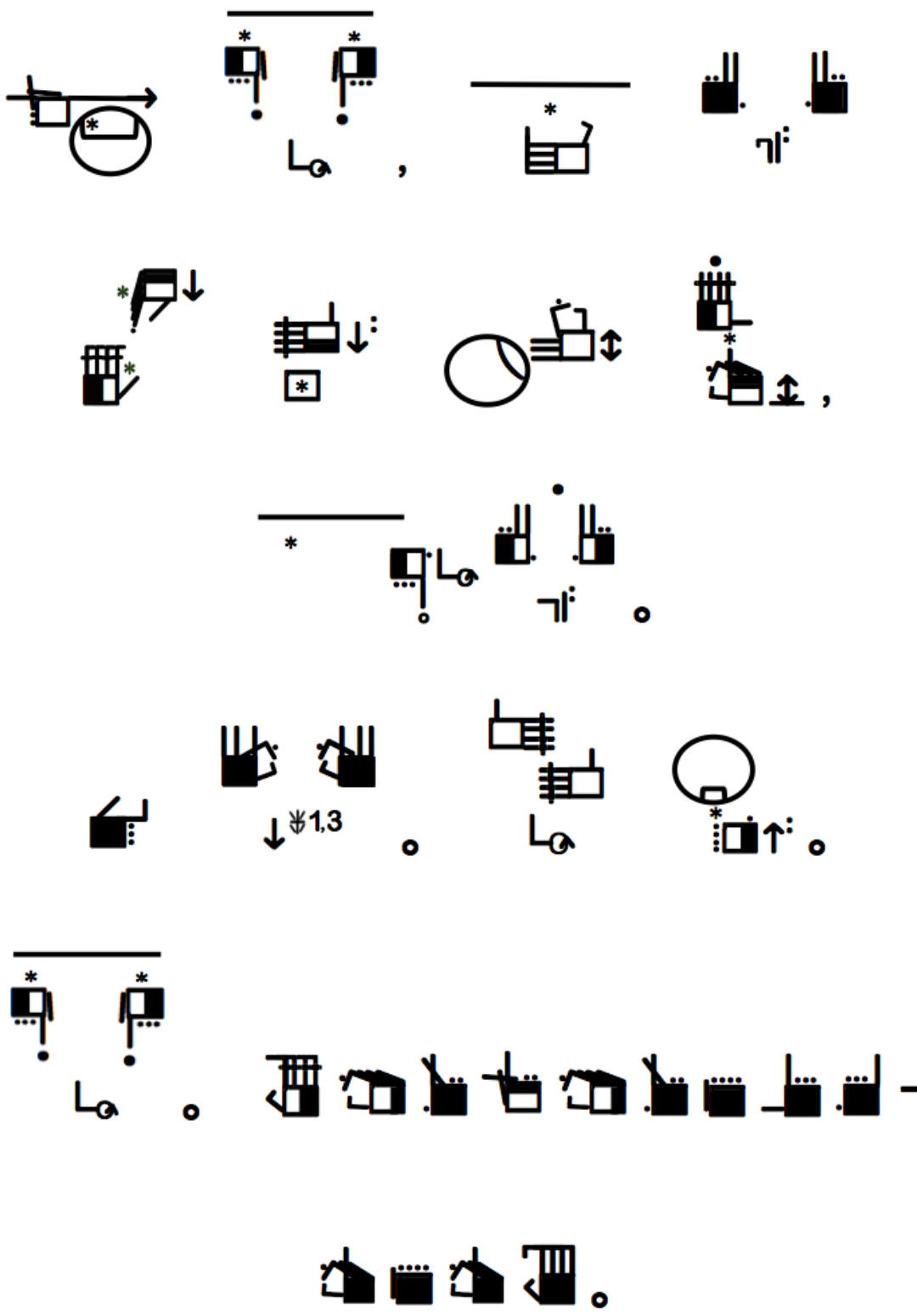
RESUMO: O artigo busca refletir sobre o processo de envelhecimento das travestis na sociedade brasileira. Busca também, compreender como este momento, natural de todo ser vivo, assume algumas peculiaridades para esta parcela da sociedade. Para tal, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica, a fim de se levantar pesquisas que contemplem o referido assunto para que, deste modo, possamos perceber como vem sendo abordado o processo de envelhecimento de travestis nos estudos acadêmicos e como este vêm sendo problematizado.

Palavras-chaves: Envelhecimento. Travesti. Corporalidade.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. fabiano_jfmg@hotmail.com









1. INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos realizados por Mauss (1974) e Le Breton (2009), o corpo deve ser entendido mediante a cultura, sendo fruto de um *continuum* sócio histórico. Para Mauss (1974), tudo que estamos contextualizados é fruto da cultura. Somos influenciados e influenciados nosso meio (FOUCAULT, 1987), numa relação interpessoal. Somos construídos e reconstruímos mediante o olhar de outrem em nossas relações diárias. O corpo para Mauss (1974) é fruto de distintas maneiras de sociabilidade e não se constitui somente de noções biológicas, mas sim, de uma construção social. Nossa maneira de sentar, agir, falar, andar, portar e outras infinitudes de práticas realizadas pelos seres humanos, se referem deste modo a uma educação social. Para Le Breton (2009), o corpo também não pode ser entendido somente como um aglomerado de órgãos disposto segundo as ciências biológicas. Mas sim como símbolo, capaz de unir as mais distintas formas culturais, o corpo é mutável, distinto de uma sociedade para outra e expressa valores e tradições variadas.

Deste modo, faz jus a celebre frase de Beauvoir (1980) que inaugura o segundo livro de sua famosa obra intitulada *o segundo sexo*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, analogamente, não se nasce homem, torna-se. Segundo a famosa frase da escritora, os indivíduos são frutos de uma educação sociocultural, onde regras, valores e normas são impostas e crivadas mesmo antes do nascimento, pois não nascemos predestinados a sermos isso ou aquilo, mas, somos construídos mediante os estímulos impostos por nossa cultura.

Aos que não se adequam a esses valores impostos pela cultura estarão dispostos a sofrerem o que se chama de estigma (GOFFMAN, 1978), que advém de um processo social e cultural que considera o que é normal em detrimento ao seu contrário, o anormal e também, se encontra nas relações entre uma característica física indesejável e o possível estereótipo físico desejado.

Os estigmas em relação às travestis, no decorrer dos anos, vem, lentamente diminuindo, ainda que, o preconceito atue cotidianamente na vida das mesmas. Os movimentos de lutas pelos direitos da comunidade LGBTTT² vêm conquistando significativos espaços dentro da sociedade, fornecendo assim, mecanismo para que as travestis tenham melhores condições de vida e possa, desta forma, chegar à velhice.

² Sigla que designa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.





A velhice em nossa sociedade vem sendo discutida, ao longo dos anos, sobre um prisma histórico e cultural (DEBERT, 1999, 2000; BRITTO DA MOTTA, 2000; PEIXOTO, 2000; SIMÕES, 2004; BARROS, 2006) sendo analisado este período do ciclo de vida a partir de uma articulação com outros paradigmas sociais como classe social, diferenças de gênero, raça e afins, despontando a heterogeneidade presente no viver e perceber esse período da vida.

Com o aumento significativo da população idosa, e em especial no Brasil³, as travestis que passam por esse processo - natural de todo ser humano vivo - igualmente faz jus a destaque nos estudos sobre a corporalidade e envelhecimento, justamente por comporem uma parcela social da população que passa por diversos momentos de exclusão e segregação no decorrer do seu ciclo de vida e, demandam uma atenção com especificidades dentro desse processo do envelhecer. Cabe ressaltar que as travestis que chegam à velhice passam durante sua vida sendo alvo de constantes represálias.

Para se compreender o processo de envelhecimento temos que, de antemão, destacar que se trata de uma heterogeneidade, no qual não se caracteriza uma única forma deste processo, mais formas. A corporalidade desses sujeitos também deve ser entendida como em constante modificação. Desta maneira, o artigo busca refletir sobre as “barreiras” que as travestis encontram ao envelhecerem dentro de nossa sociedade, onde a juventude é, comumente, um dos bens mais requisitados.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1. O Envelhecer e sua especificidade

Sendo considerado um processo natural de todo ser humano, o envelhecimento deve ser encarado como uma etapa comum a todos, assim como a infância e a juventude. Sendo este momento, caracterizado por modificações corporais, biológicas, metabólicas e psicológicas específicas dessa fase da vida, em decorrência, em grande maioria, pelo decorrer do tempo e do

³ O número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos em todo o mundo está crescendo a passos largos em relação às demais faixas etárias em todo o mundo. A população idosa mundial cresceu 7,3 milhões entre os anos de 1980 e 2000, chegando num valor de 14,5 milhões em 2000. Estimativas apontam que o Brasil, até o ano de 2025, será o sexto país com maior número de idosos do mundo. (World Health Organization - WHO, 2005).





modo de vida de cada sujeito. Entretanto, esta etapa da vida deve ser pensada de forma singular, pois os acontecimentos se alteram de pessoa para pessoa, por diversos fatores entre eles o genético (ÁVILA, GUERRA e MENEZES, 2007). De acordo com Assis (2004, p.11), “[...] o envelhecimento humano é um fato reconhecidamente heterogêneo, influenciado por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos”. Assim sendo, chegar a esta etapa da vida pode representar realidades totalmente diferentes para esta população.

Para alguns autores (Neri e Freire, 2000), o envelhecimento ainda é relacionado com a degradação do corpo, a incapacidade, ao declínio entre outros. Eles enfatizam que “[...] existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (NERI; FREIRE, 2000, p. 8).

Contudo, essa visão negativa acerca do envelhecimento vem sendo modificada, diversos autores (LIMA, 2001; MARTINS, 2002; FARIAS 2012, 2013), enfatizam em suas pesquisas diversos episódios de conquistas, efetivações alegrias, realizações, demonstrando, categoricamente, como esta etapa pode ser vista como uma etapa boa da vida. Assim sendo, Ferrari (1999, p. 198) enfatiza que “[...] a velhice não pode ser definida pela simples cronologia e sim pelas condições físicas, funcionais, psicológicas e sociais das pessoas idosas”. O mesmo ainda finaliza dizendo que “[...] a velhice é hoje considerada uma fase de desenvolvimento humano e não mais um período de perdas e incapacidades (*idem*)”.

Porém, no caso das travestis, esse processo de envelhecimento carrega uma série de agravantes, e inúmeras especificidades, para além da própria condição como idosas. O corpo passa por transformações, significativas, que para essa parcela da sociedade, em grande maioria, passa a ser encarada como uma fase de muitos conflitos.

De acordo com Antunes (2010), às travestis com idade mais avançada tendem a se esconder diante da sociedade, pois a velhice em nossa sociedade não é valorizada, principalmente entre as travestis, que é como se fossem “descartadas” ao envelhecer, acabando por vezes desaparecendo do convívio social. Para minimizar os estigmas, de acordo com algumas travestis, menciona que ao envelhecerem voltaram a se vestir culturalmente como homens, denominado como des-transformação.

Ressalta-se ainda, que para as que vivem da prostituição, o envelhecer é tido como ainda mais cruel, de acordo as pesquisas realizadas por Oliveira e Meire (2016), são narrados os 30 anos como a perda da juventude, do viço e dos clientes, pois a juventude aparece como um fator





determinante para a ascensão e maiores lucros. Pois o corpo, segundo Goldenberg (2011), assume um papel importante dentro da cultura brasileira como forma de capital, pois o corpo é considerado um veículo para ascensão dos indivíduos. Com suas formas e seus usos, esse capital pode ser transformado em outras formas de capitais, como econômico, cultural, social e simbólico (BOURDIEU, 2007).

Pode-se pensar, neste sentido, que, além de o corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e a exposição deste corpo da moda. (GOLDENBERG, 2007, p. 25)

Mostrando outra face desse processo de envelhecimento, as pesquisas realizadas por Benedetti (2005) mostram que ao chegarem à velhice, algumas travestis passam por assumir papéis e ocupações distintas dentro da sociedade, tais como: costureiras, maquiadoras, auxiliares de cozinha, profissionais da beleza e domésticas.

Siqueira (2004), pioneira nos estudos sobre o tema, ponderou em sua dissertação de mestrado que, mesmo as travestis estarem vivendo com melhores qualidades de vida e com mais tranquilidade na velhice, chegar a essa etapa da vida não foi algo fácil, pois tiveram que passar por momentos singulares para sua afirmação em meio à sociedade.

Contudo, cabe entender esse processo referente à corporalidade e o papel social das travestis no Brasil, conforme abordaremos no tópico a seguir.

2.2. Ser travesti

Nas culturas ocidentais, em especial no Brasil, comumente, se acredita que os sujeitos que nasceram com o genital masculino (pênis) são necessariamente homens, ao passo que, os que nascem com o genital feminino (vagina) são mulheres. Está é uma visão binária, correlacionado com a dicotomia homem e mulher, a qual o sexo de origem corresponde à identidade de gênero que deva ser assumida. Contudo, os sujeitos podem nascer com o genital masculino e se identificar com o gênero feminino e vice-versa.





O fato de um indivíduo se sentir homem ou mulher (sua identidade de gênero) não tem, necessariamente, relação com seu sexo biológico (identidade sexual); nem tampouco com sua orientação sexual (que pode ser heterossexual, homossexual, bissexual). Contudo, no Ocidente, o conceito de gênero está colado ao de sexualidade/reprodução, o que promove uma imensa dificuldade de separar, segundo o senso comum, a problemática da identidade de gênero da de orientação sexual. (LIMA, 2011, p. 169).

Ainda de acordo com Lima (2011), a homossexualidade é configurada como algo contraproducente, errado e anormal, pois nossa sociedade configurou a heterossexualidade como algo espontâneo e natural. Entretanto, cabe deixar claro que a concepção de certo ou errado é crivado por valores culturais de acordo com cada contexto histórico e de acordo com cada cultura.

Lima (2011) afirma que “a heterossexualidade como norma compulsória a qual todos/as devem se adequar – e que vê a homossexualidade como perversão – tem suas raízes no imaginário judaico-cristão” (p. 170). Contudo, neste trabalho não entraremos em questões religiosas. Mas, se destaca a influência patriarcal, do cristianismo e a intensificação do capitalismo como vinculadores da dominação masculina, colando assim a heterossexualidade e a monogamia como algo imprescindível e de suma importância para a estruturação da sociedade.

Segundo Molinier e Welzer-Lang (2009), o homem é civilizado desde a infância a ser dominador e viril, pois “a virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina” (p.102). Por conseguinte, os homens que não se adequam as atitudes viris e, se presente com características que se aproximem do gênero feminino, sofre discriminação. Está separação entre o feminino e o masculino é sociocultural e caracterizada como “uma forma de controle social que se exerce sobre todos os homens, desde os primeiros passos da educação masculina” (MOLINIER e WELZER-LANG, 2009, p. 102).

Neste artigo, entenderemos por travesti as:

Pessoas que nascem identificadas com um sexo masculino, mas que se vestem, vivem e assumem cotidianamente comportamentos femininos e buscam modificar seus corpos sejam com injeções de hormônio, aplicações de silicone e





outras cirurgias plásticas, mas não sentem desconforto algum com seu sexo de nascimento [...] (BEEMYN e ELIASON, 1996, p. 282)⁴.

As travestis são atores sociais geralmente incompreendidos, pois sua situação vai muito além do discurso biológico. Sentir-se, pertencer e, principalmente, ser aceito como pertencente a aquele gênero vem sendo um embate no quesito jurídico e mesmo no social. A pessoa nasce com cromossomos, genitais e hormônios de um sexo, entretanto tem a mais absoluta convicção de pertencer ao gênero oposto. Essa incompreensão generalizada e toda a discriminação que lhe são peculiares se mostram extremamente difíceis no convívio amplo da vida em sociedade.

No decorrer do ciclo de vida, as travestis passam por diversos momentos de represálias, discriminação e preconceitos que “[...] usualmente incorporado e acreditado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e de exclusão, portanto da violência” (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p. 08), por grande parte da sociedade, pois não se enquadram dentro do “padrão de normalidade” imposto pela cultura ocidental, conforme já explicitado.

Segundo Antunes (2010), a exclusão se inicia na família, precisamente pelo fato do indivíduo não se adequar aos valores, normas e regras socialmente e culturalmente construídas. O próximo meio de segregação é a escola, pois várias travestis relataram segundo Antunes (2010), que por decorrência disso, não terminaram os estudos e, devido ao intenso preconceito, foram expulsas ou saíram de casa, perderam seu lar e suas raízes logo na adolescência. Passando deste modo, no decorrer de suas vidas por diversos “estigmas sociais” (GOFFMAN, 1978).

Em decorrência à baixa escolaridade e a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho formal, grande parte das travestis acabam encontrando na prostituição uma forma para sobreviver. Mas, para isso, necessitam modelar seu corpo, e vários casos, de maneira oculta e arriscada, buscando assim a clandestinidade para ‘bombar’⁵ seus corpos, pois, não contam com o amparo dos meios de saúde. Para alavancarem seus ganhos, se exige grandes investimentos, pois, quanto menos ambíguo e mais atraente for o corpo, menor a discriminação e mais elevados lucros financeiros (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; SIQUEIRA, 2004).

⁴ “[...] por outro lado transgêneros nascem identificadas com um sexo e assumem comportamento de outro gênero, na grande maioria das vezes sentindo desconforto ou mesmo aversão à sua genitália ou a outras características” (BEEMYN e ELIASON, 1996, p. 282).

⁵ “‘Bombar’ se refere às aplicações clandestinas de silicone industrial, realizadas para melhoramentos estéticos, principalmente, nos quadris, nádegas e seios, conforme a vontade de cada travesti. A profissional que realiza esse serviço é chamada de bombadeira” (Oliveira e Meire, s/p, 2016).





Cabe ressaltar que, em grande parte, as travestis são consideradas sujeitos anormais, aberrações e seres patológicos, sujeitas a constantes represálias e punições, que podem culminar com a morte. A repórter da Agência Brasil (2015), Marieta Cazarré, destaca o Brasil como o país onde mais se mata travestis no mundo. Enfatiza que de 2008 a 2014 foram registrados 604 mortes no país.

Em seu depoimento ao portal, a travesti Rafaela Damasceno destaca de forma categórica “infelizmente são pouquíssimas [travestis] que conseguem passar dos 35 anos de idade e envelhecer (...)”. Deste modo, com baixas expectativas de vida, as que vivem até a velhice podem ser consideradas verdadeiras exceções (ou heroínas).

Conforme já explicitado, além de serem sobreviventes, as travestis que chegam à velhice são também tidas como referências e exemplo para as mais novas. Deste modo, aquelas mais velhas ocupam um respeitável papel diante seu grupo. Possui, em grande parte, a tarefa de iniciar e ensinar as mais novas a difícil vida de ser uma Travesti. Contudo, as mais jovens, encontram nas travestis mais velhas as referências para construir seus corpos e moldarem seus próprios modos de serem (ANTUNES, 2010).

De acordo com Pelúcio (2009), as travestis mais velhas ponderam que “fabricar” e “moldar” um corpo é também uma forma de “fabricar” e “moldar” uma pessoa, pois, acarreta, entre outras coisas, uma transmissão de valores próprios de uma cultura. Com essa transmissão de valores intergeracionais, muitas passam a ocupar o papel de “mães” das mais novas.

Observa-se então que, para além de suas condições como idosas, as travestis demandam uma atenção, com maiores especificidades, dentro do processo de envelhecer, uma vez que a nova configuração de seus corpos e a perda da funcionalidade dos seus corpos interfere, diretamente, nesta etapa da vida, pois grande parte faz uso dos seus corpos como meio de sustento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo deve ser entendido e teorizado enquanto uma construção social, pensado para além de um aglomerado de órgãos disposto segundo as ciências biológicas. As contribuições mais amplas sobre o corpo podem contribuir para ele não seja categorizado como normal e natural dentro da nossa cultura e não sofra imposições sociais estigmatizantes.



Mesmo que lentamente, os estigmas com relação às travestis vêm diminuindo dentro da sociedade brasileira, embora esteja ainda entre as que mais matam travestis no mundo. Para reduzir esse quadro, é importante buscar medidas a fim de minimizar a repulsa da sociedade para essa parcela da sociedade tais como inserção no mercado de trabalho formal, nas escolas, nas faculdades e nos meios de convívios sociais para que, desta maneira, a sociedade não as veja como seres anormais, desmistificando os estigmas impostos e, mostrando que são seres humanos como os outros.

Deste modo, cabe-se pensar políticas públicas eficazes que não sejam excludentes e corroborem para que as travestis sejam inseridas na sociedade de forma a minimizar os impactos no seu ciclo de vida.

A velhice no Brasil vem aumentando a passos largos. Deste modo, cabe se pensar políticas públicas para as travestis que durante seu ciclo de vida passa por inúmeras represálias. Durante suas modificações corporal, de acordo com o gênero que se identificam (feminino), as travestis são expulsas, saem de casa e, se é negado todo um convívio dentro da sociedade. Sendo afastadas dos estudos e diminuindo assim suas chances dentro do mercado de trabalho, que demanda cada vez uma qualificação especializada, elas vão para a prostituição, até mesmo como meio de subsistência, sendo afastadas de seus familiares e perdem, por muitas vezes, suas raízes.

Haja vista a não regularização da prostituição como profissão, deve se pensar maneiras para que, ao envelhecerem e, com a modificação e transformação de suas corporalidade as travestis possam ter uma maior dignidade nesta fase de vida, minimizando os impactos dos estigmas sociais na chegada da velhice.

Na prostituição, o corpo é entendido como uma forma de capital econômica, onde é vendido e negociado. É imposto um corpo “primoroso”, com belas curvas, e menos ambíguo possível, quanto mais feminina melhor, esculpido a custa de muitas cirurgias, que será de grande valia para a negociação e fará com que a ‘melhor’ alcance grandes lucros e uma ótima clientela.

Com a chegada da velhice, se observa que esse corpo perde sua funcionalidade, pois na cultura brasileira a juventude é considerada como um bem primordial. Com isso, as que chegam nessa etapa da vida, apesar de serem consideradas verdadeiras heroínas, acabam por não terem renda para manterem a dinâmica de suas vidas.





4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata Travesti e Transexuais. In: **Empresa Brasil de comunicação S/A**. 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>. Acessado em 22/10/2016

ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC - SP, 2010. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719 Acessado em 22/10/2016

ASSIS, M. Aspectos sociais do envelhecimento. In: SALDANHA, A.L.; CALDAS, C.P. (orgs). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004, p.11- 21.

ÁVILA, A. H., GUERRA M. & MENEZES M. P. R. (2007). **Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice**. Pensamento Psicológico, 3(8), 7-18.

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. In: **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002 .

BARROS, M. M. Trajetória dos estudos velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**. 2006, n.52.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEEMYN, B.; ELIASON, M. **Queer Studies: A Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Anthology**. Nova York: New York University, 1996.

BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, P. **A Distinção: a crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITTO DA MOTTA, A. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu , Campinas, n. 13, 1999.

DEBERT, G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, G. **O significado da velhice na sociedade brasileira**. Acta Paul Enf, São Paulo, v. 12, Número Especial, Parte I, p.147-158, 2000.

ENGELS, F. **A origem da família, da sociedade privada e do Estado**. Tradução: Leandro Konder- 14ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FARIAS, R. C. P. **Esta ruga tem história: Envelhecimento, memória e transmissão de saberes**. Projeto de pesquisa registrado na Universidade Federal de Viçosa. Financiada pela FAPEMIG. 2012.

_____. (Org.). **Programa Municipal da Terceira Idade: atividades e percepções dos usuários**. Viçosa - MG: UFV, DED, 2013.

FERRARI, M.A.C. **O envelhecer no Brasil**. O Mundo da Saúde. São Paulo, v. 23, n. 4, jul./ago., p. 197-203, 1999.





FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

GOLDENBERG, M. **Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira**. Saude soc. [online]. 2011, vol.20, n.3, pp.543-553. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002. Acessado em 08/08/2016

GOLDENBERG, M. **O Corpo Como Capital - Estudos Sobre Gênero, Sexualidade e Moda na Cultura Brasileira**. São Paulo Editora Estação das Letras e Cores, 2007.

GONÇALVES, Z.C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: NEGREIROS, T.C. G.M. (Orgs). **A nova velhice, uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003, p. 57-71.

KULICK, Don T. (2008). **Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIMA, M. P. **Gerontologia educacional**: uma pedagogia específica para o idoso - uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTr, 2001.

LIMA, R. de L. de. **Diversidade, identidade de gênero e religião**: algumas reflexões. Em Pauta. 2011, n. 28, pp. 165-182. ISSN 1414-8609.

MARTINS, C. R. M. **O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá**: um estudo de representações sociais, 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MOLINIER, P. e WELZER-LANG, D. **Feminilidade, masculinidade, virilidade**. Dicionário Crítico do Feminismo. 2009, pp. 101-106. ISBN 978-85-7139-987-7.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). (2000). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus.

OLIVEIRA, L. H. de; MEIRA, V. S. S. e. **Tias e novinhas**: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/SANDER%20e%20OLIVEIRA%20%20trabalho%20RBA.pdf>. Acessado 22/10/2016

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... BARROS, Myriam Moraes L. de (Org). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume/Fapesp. 2009.

SIQUEIRA, M. S. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.



SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Org. Adriana Psiciteli. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.2005.



Recebido em 04 de setembro

Aprovado em 09 de setembro

Sobre o Autor:

Fabiano Eloy Afílio Batista



Graduado em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá, na cidade de Juiz de Fora. Pós-Graduado em Moda, Cultura de Moda e Arte, no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-Graduado em Televisão, Cinema e Mídias Digitais, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cursando o Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – nível Mestrado, no departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, desenvolvendo

atividades na linha de pesquisa: Trabalho, Consumo e Cultura. Membro do grupo de pesquisa Gênero, Trabalho e Consumo atuando em pesquisas relacionadas à mídia e a corporalidade. Possui interesse nas áreas de Moda, Mídia, Corporalidade, Gênero, Consumo, Envelhecimento e afins.

fabiano_jfmg@hotmail.com; fabiano.batista@ufv.com.br ;

